

Cómo citar en APA: Carvalho, A. (2024). A narrativa do rico e o mendigo: uma investigação sob a perspectiva da semiótica greimasiana. *Cuestiones teológicas*, 51(116), 1-18. doi: <https://doi.org/10.18566/cueteo.v51n116.a08>

Fecha de recepción: 20.12.2023 / **Fecha de aceptación:** 20.03.2024

A NARRATIVA DO RICO E O MENDIGO: UMA INVESTIGAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA

The narrative of the rich man and the beggar: an investigation from the perspective of greimassian semiotics

La narrativa del rico y del mendigo: una investigación desde la perspectiva de la semiótica greimasiana

ADRIANO DA SILVA CARVALHO¹ 

¹ Correo electrónico: adriano3656@gmail.com

Resumo

A passagem bíblica de Lucas 16, 19-31 é uma das mais citadas e discutidas do Novo Testamento. No entanto, quando analisada a partir das relações engendradas na sequência dos fatos narrados, uma série de programas narrativos pressupostos contribui para a elucidação do sentido desse texto. Esta pesquisa, portanto, analisará a referida passagem a partir da perspectiva da semiótica greimasiana. O método pretende desvelar o percurso gerativo de sentido e destacar os elementos intratextuais, que perfazem o trajeto de construção da significação da passagem. Ele permite analisar suas estruturas superficiais e profundas: vai do simples ao complexo, do mais abstrato ao mais concreto. Pode assim evidenciar as oposições semânticas a partir das quais se constitui o sentido do texto e a sua categoria semântica fundamental. O método tem potencial para representar a organização relacional entre as condições sociais dos sujeitos da narrativa. Além disso, fornece um suporte metodológico neutro que evita conclusões antecipadas e tendenciosidades. A análise da intertextualidade completa o processo iniciado com a Semiótica greimasiana. Isso porque uma leitura atenta de Lc16,19-31 não ignorará seu contexto imediato e mais amplo: Lucas e Atos lidos sequencialmente. Situando a parábola nessa narrativa mais ampla, os leitores de Lucas poderiam perceber elementos conectivos, ligando a história contada por Jesus ao que estava acontecendo na igreja primitiva. Assim, na boca de Jesus a história do rico e do mendigo foi contada como uma crítica à avarizia, mas, no plano redacional de Lucas foi usada para desafiar os crentes a se envolverem com o cuidado dos pobres.

Palavras-chave

Lucas; Rico; Mendigo; Semiótica; Greimas; Parábola; Binarismo; Bíblia; Interpretação; Semântica.

Abstract

The biblical passage from Luke 16, 19-31 is one of the most cited and discussed in the New Testament. However, when analyzed based on the relationships engendered following the narrated facts, a series of presupposed narrative programs contributes to the elucidation of the meaning of this text. This research, therefore, will analyze the aforementioned passage from the perspective of Greimasian semiotics. The method aims to reveal the generative path of meaning and highlight the intratextual elements, which make up the path of construction of the meaning of the passage. It allows you to analyze your superficial and deep structures: it goes from the simple to the complex, from the most abstract to the most concrete. It can thus highlight the semantic oppositions from which the meaning of the text and its fundamental semantic category are constituted. The method has the potential to represent the relational organization between the social conditions of the subjects of the narrative. Furthermore, it provides neutral methodological support that avoids a priori conclusions and bias. The analysis of intertextuality completes the process started with Greimasian semiotics. This is because a careful reading of Lc 16,19-31 will not ignore its immediate and broader context: Luke and Acts read sequentially. By placing the parable in this broader narrative, Luke's readers could perceive connective elements, linking the story told by Jesus to what was happening in the early church. Thus, in Jesus' mouth the story of the rich man and the beggar was told as a criticism of avarice, but in Luke's editorial plan it was used to challenge believers to get involved in caring for the poor.

Keywords

Luke; Rich; Beggar; Semiotics; Greimas; Parable; Binarism; Bible; Interpretation; Semantics.

Resumen

El pasaje bíblico de Lucas 16, 19-31 es uno de los más citados y discutidos en el Nuevo Testamento. Sin embargo, cuando se analiza a partir de las relaciones engendradas a partir de los hechos narrados, una serie de programas narrativos presupuestos contribuyen al esclarecimiento del significado de este texto. Esta investigación, por tanto, analizará el citado pasaje desde la perspectiva de la semiótica greimasiana. El método tiene como objetivo revelar el camino generativo del significado y resaltar los elementos intratextuales que configuran el camino de construcción del significado del pasaje. Permite analizar las estructuras superficiales y profundas: va de lo simple a lo complejo, de lo más abstracto a lo más concreto. Puede así resaltar las oposiciones semánticas a partir de las cuales se constituyen el significado del texto y su categoría semántica fundamental. El método tiene el potencial de representar la organización relacional entre las condiciones sociales de los sujetos de la narrativa. Además, proporciona un apoyo metodológico neutral que evita conclusiones a priori y sesgos. El análisis de la intertextualidad completa el proceso iniciado con la semiótica greimasiana. Esto se debe a que una lectura atenta de Lc. 16,19-31 no ignorará su contexto inmediato y más amplio: Lucas y Hechos leídos secuencialmente. Al ubicar la parábola en esta narrativa más amplia, los lectores de Lucas pudieron percibir elementos conectivos, vinculando la historia contada por Jesús con lo que estaba sucediendo en la iglesia primitiva. Así, en boca de Jesús la historia del rico y el mendigo fue contada como una crítica a la avaricia, pero en el plan editorial de Lucas se utilizó para desafiar a los creyentes a involucrarse en el cuidado de los pobres.

Palabras clave

Lucas; Rico; Mendigo; Semiótica; Greimas; Parábola; Binarismo; Biblia; Interpretación; Semántica.

Introdução

A parábola do rico e do Lázaro é uma das histórias bíblicas mais conhecidas e citadas. Ela é comumente usada para provar teorias sobre a vida além-túmulo. E, por essa razão, tornou-se um dos textos mais discutidos e debatidos, quer seja por teólogos, quer seja por leigos. Às vezes, no calor desses debates, ignora-se, o gênero literário e a complexidade envolvida na análise dessas histórias registradas nos Evangelhos. A intertextualidade também costuma ser ignorada, o que no caso da parábola do rico e Lázaro, pode ser substancialmente prejudicial para a sua interpretação. Isso porque se o Evangelho de Lucas e o livro de Atos é uma obra em dois volumes, é legítimo supor que esses dois livros fossem lidos sequencialmente, a fim de que suas partes componentes fossem melhor entendidas. Desse modo, os leitores do Evangelho de Lucas poderiam perceber certos conectivos ligando a parábola do rico e Lázaro com o que estava acontecendo nos dias da igreja primitiva. É verdade que palavras caras ao Evangelho de Lucas como “πλούσιος” e “πτωχός” estão ausentes em Atos, mas, sobre isso, pode-se argumentar que em Atos essas palavras foram substituídas por uma ética de compartilhar e por uma preocupação com os privilegiados e com as pessoas de alto escalão (Carvalho, 2020, p. 346).

A fim de ir mais a fundo e não deixar escapar toda a riqueza e beleza dessa peça literária será utilizado à abordagem semiótica greimasiana. Como esse método será evidenciado o percurso gerativo de sentido. Assim, no nível fundamental, será ressaltado a oposição semântica mínima, bem como os valores axiológicos na narrativa do homem rico e Lázaro. No nível narrativo, serão apontados os elementos que compõem o programa narrativo desse texto. Por último, no nível discursivo, será mostrado como as oposições fundamentais nessa parábola se desenvolveram sob a forma binária.

A complexidade da linguagem

As teorias da linguagem de orientação discursiva repensaram radicalmente a ideia de sentido e revisaram os conceitos de autor e leitor (Carvalho, 2022, p. 326). Aquele conceito de texto como um encadeamento de signos linguísticos foi superado (Carvalho, 2019, p. 4). O texto passou a ser visto como uma organização transfrásica mobilizadora de estruturas de natureza diferente da frase (Fiorin, 2000, p. 10). A linguagem deixou de ser pensada como algo transparente (Carvalho, 2022, p. 326), fala-se agora em discurso, isto é, um enunciado imbricado num local social determinado (Carvalho, 2019, p. 4).

Na análise de discurso procura-se detectar num texto como ele significa, (Silva, 2005, p. 17), relativiza-se a autonomia do objeto da linguística, ou seja, a língua como sistema abstrato,

fechada nela mesma (Silva, 2005, p. 17). Consequentemente, na análise de um texto, o foco se desloca das frases para o discurso (Brasil, 2011, p. 172).

Esses estudos indicam que a interpretação é uma tarefa complexa, "uma vez que a leitura eficiente de um texto depende da capacidade do leitor em perceber certas instâncias linguísticas indispensáveis à ancoragem enunciativa" (Maingueneau, 2004, p. 123-124). Se por um lado esses estudos indicaram que a tarefa do intérprete ficou mais difícil, por outro, apresentaram ferramentas que permitem ao leitor penetrar nas camadas mais profundas de um enunciado.

Metodologia

A Semiótica também deu a sua contribuição no período em que teorias linguísticas revolucionárias estavam surgindo. Ela é uma disciplina com um campo amplo e diversificado que envolve o estudo de múltiplos tipos de signos transmitidos mediante canais e meios variados (Prior, 2014). Ela teve sua origem nas antigas formulações gregas de semeion (Prior, 2014), além dessa expressão os gregos também tinham outra palavra para designar os signos e os sinais, a saber, sema (Santaella, 2017, p. 8).

A Semiótica seria, portanto, a disciplina que estuda as formas, os tipos, os sistemas, e os efeitos do uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos (Santaella, 2017, p. 7). Ela procura explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz (Barros, 2005, p. 11). Para construir o sentido do texto, a Semiótica pensa em seu plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo, mas, não é fácil compreender essa Teoria, isso devido ao número de escolas e aos elos e conexões faltosos (Grigorjevas, Gramigna & Salupere, 2017, p. 7). Por isso, nesta pesquisa, a opção é pelo modelo greimasiano.

Algirdes Julien Greimas nasceu em nove de março de 1917, em Tula, na Lituânia, que na época fazia parte do território russo (Cortina, 2017, p. 37). Ele cursou Direito em seu país, mas, no período de 1936 a 1939 foi estudar linguística em Grenoble, na França (Cortina, 2017, p. 37). Sua inserção nos estudos linguísticos aconteceu no campo da lexicografia e lexicologia, áreas de grande interesse dos estudiosos da língua, naquele período (Cortina, 2017, p. 37). Sua tese de doutorado teve o tema: "*La mode en 1830. Essai de description du vocabulaire vestimentaire d'après les journaux de mode de l'époque*", em livre tradução: "A moda em 1830. Ensaio de descrição do vocabulário da vestimenta a partir das revistas de moda da época" (Cortina, 2017, p. 37). Segundo Cortina (2017, p. 37), Greimas teria escrito uma tese secundária decorrente de um trabalho mais curto, cujo título foi "Quelques reflets de la vie sociale en 1830 dans le vocabulaire des journaux de mode de l'époque" (em livre tradução: "Alguns reflexos da vida social em 1830 no vocabulário

de revistas de moda da época”). Com a conclusão do seu doutorado, Greimas teria atendido as condições para se tornar pesquisador e professor universitário conforme com as exigências do *Centre National de la Recherche Scientifique* (Cortina, 2017, p. 37).

Na década de 1960, Greimas passa a residir em Paris, onde pode aprofundar suas pesquisas em torno da proposta de constituição das bases da Semiótica (Cortina, 2017, p. 37). Cinco anos depois, começa a promover encontros periódicos na *École de Hautes Études en Sciences Sociales* visando constituir uma equipe de discussões e reflexões teóricas para construir uma teoria da significação (Taille, 2018, p. 12). No início da década de 1970 seu modelo de trabalho coletivo se consolidou no estabelecimento do que foi conhecido como "Círculo Semiótico Greimasiano", cuja função de celeiro teórico coletivo somente começou a sofrer modificações ao final dos anos 1980 (Taille, 2018, p. 12). A Teoria de Greimas operava na crença de que toda superfície esconde uma profundidade (Grigorjevas, *et al.*, 2017, p. 9). De acordo com Meire Dalva Figueiredo dos Santos (2013):

a análise interna do texto se justificava pelo exame do percurso gerativo de sentido, o que significa estudar como o texto foi produzido, a cultura que o criou, para que a significação fosse, ao longo do caminho textual se configurando como tal e percebida, primeiramente como um significante (parte material do signo); mas que já trazia em si um conteúdo, um significado (parte conceitual do signo), a pré-significação, a condição para que o texto fosse construído de determinada forma, conforme as seleções, as escolhas realizadas (p. 20).

Em todos os trabalhos dedicados à Semiótica, Greimas demonstrou seu empenho em analisar a superfície, ou seja, o nível imediatamente experimentado de qualquer objeto semiótico, a profundidade dos sistemas de valores e taxonomias subjacentes (Grigorjevas, *et al.*, 2017, p. 9). Seu programa deu origem a conceitos que constituíram ferramentas independentes: “a natureza curiosa dessas ferramentas reside no fato de que embora sejam integradas em estruturas analíticas, também funcionam como separadas, o quadrado semiótico é um exemplo permanente de tal fenômeno” (Grigorjevas, *et al.*, 2017, p. 9). Ele é o elemento central no paradigma greimasiano (Badir, 2012).

O quadrado

A Semiótica francesa é um modelo de descrição do sentido (Silva, 2009, p. 48), ou melhor, uma abordagem que objetiva elucidar as condições nas quais o sentido é produzido e aprendido (Floch, 2014, p. 24). O quadrado semiótico de Greimas aparece, nesse contexto, para assinalar a estrutura elementar de significação (Greimas, 1987, p. xiv). Ele tem sido descrito como um método que abriu “a caixa preta através da qual a narrativa é de alguma forma “convertida” em cognição e vice-versa” (Greimas, 1987, p. xiv).

Esse quadrado, que, na verdade se parece com um retângulo, é uma ferramenta utilizada em análise de oposição (Hébert, 2011, p. 41), ele pode ampliar a noção estrutural mais antiga da oposição binária, a saber, S_1 versus S_2 (Greimas, 1987, p. xiv). Essa oposição binária é descrita na linguagem da lógica filosófica como um "contrário", isto é, uma oposição forte, por exemplo, branco versus negro, homem *versus* mulher (Greimas, 1987, p. xiv). Mas, o quadrado pode abranger mais do que essas duas posições (Greimas, 1987, p. xiv), permite refinar uma análise aumentando o número de classes analíticas decorrentes de uma determinada oposição de dois, por exemplo, vida/morte para quatro: (1) vida, (2) morte, (3) vida e morte (os mortos-vivos), (4) nem vida nem morte (anjos) e assim sucessivamente (Hébert, 2011, p. 41).

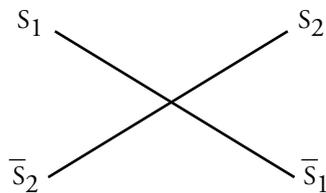
O modelo de quadratura greimasiano envolve, basicamente, três níveis de análise, que requerem: (1) observar se os objetos cobertos por uma determinada posição no quadrado existem realmente na realidade. Por exemplo, na realidade, não se pode ser rico e pobre ao mesmo tempo (Hébert 2011, p. 43); (2) perceber que uma posição no quadrado pode ser lexicalizada de forma mais ou menos adequada, isto é, pode ser nomeado com uma palavra ou expressão existente em uso padrão. Hébert (2011, p. 43) dá, como exemplo, o termo neutro "nem euforia, nem disforia" (isto é, nem positivo, nem negativo) que pode ser lexicalizado na palavra "indiferença", ou melhor, com um neologismo técnico, a "aforia" (onde o prefixo "a-" indica ausência de). Noutros casos, ressaltar Hébert (2011, p. 43), podem faltar escolhas lexicais como, por exemplo, o metatermo composto por euforia e não-disforia; (3) notar se cada posição no quadrado é realizada no ato semiótico correspondente (Hébert, 2011, p. 43).

O quadrado semiótico abarca a trajetória de produção do objeto semiótico, vai das estruturas profundas às estruturas de superfície, do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto: nesse percurso distinguem-se três níveis, da base para o topo: o nível profundo, o nível de superfície das estruturas narrativas, e o nível das estruturas discursivas (Fidalgo & Gradim, 2005, p. 126-127). Os diferentes níveis são estudados, respectivamente, pelas sintaxes e semânticas fundamentais, narrativas e discursivas (Fidalgo & Gradim, 2005, p. 127). Parte-se da noção saussuriana de que o significado é primeiramente obtido por oposição, ao menos entre dois termos, o que constitui uma estrutura binária, e chega-se ao quadrado semiótico por uma combinatória das relações de contradição e asserção (Carvalho, 2019, p. 48; Greimas, 1976, p. 91).

É importante repetir que o quadrado era um modelo antigo dos lógicos, que Greimas trouxe para dentro da Semiótica, esperando que pudesse fornecer um modelo de leitura para qualquer estudo empírico, campo ou fenômeno, cuja estrutura e organização são desconhecidas, caóticas ou desordenadas (Tarasti, 2017, p. 40). O modelo fornece uma representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer (Greimas & Courtés, 1979, p. 364). Para Greimas (1976, p. 90) a construção do simulacro linguístico do ato exigia já uma definição prévia do predicado, que por sua vez, só pode remeter para uma ou outra concepção da estrutura do enunciado elementar:

uma escolha definitiva, porque decide a forma que a teoria linguística como um todo vai tomar. Para esse estudioso o predicado representava o núcleo, ou seja, a relação constitutiva do enunciado (Greimas 1976, p. 90). Além disso, o predicado podia ser identificado com a função lógica e a afirmação podia ser dada na forma canônica: $A_1; A_2; \dots$ (Greimas, 1976, p. 90).

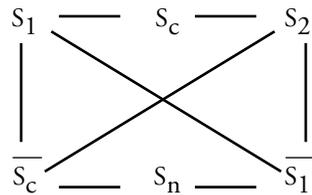
Por exemplo, imaginando-se um quadrado em que um lado S_1 corresponda a "riqueza", e S_2 no outro lado corresponda a "pobreza". Dentro da lógica greimasiana o primeiro passo é negar S_1 , produzindo assim a sua contradição (\bar{S}_1), que se caracteriza por não poder coexistir simultaneamente com " S_1 ", há uma impossibilidade de os dois termos estarem presentes ao mesmo tempo (Carvalho, 2019, p. 48-49; Greimas, 1976, p. 91). Greimas (1976, p. 91) explica isso por meio do seguinte gráfico:



É possível interpretar as descrições dadas no quadrado da seguinte maneira: S_1 e S_2 são contraditórias se $\bar{S}_2 = S_1$ e $\bar{S}_1 = S_2$; a contradição aparece assim como um caso especial de contrariedade (Greimas, 1976, p. 91). Desse processo efetuado no quadrado, formam-se, as seqüências: /negação/ = /asserção/ (Greimas, 1976, p. 91). Além disso, uma declaração de estado modal cujo sujeito é S_1 é capaz de modificar qualquer outro enunciado de estado produzido e apresentado pelo sujeito S_2 (Greimas, 1976, p. 93). Em outras palavras, S_1 é sujeito de fazer e S_2 sujeito de estado (Greimas & Courtés, 1979, p. 353). Por isso, uma mudança de estado efetuada pelo sujeito (S_1), afeta o sujeito (S_2) (Greimas & Courtés, 1979, p. 353). No caso dos atos de fala, tal esquema pressupõe a existência de duas instâncias, o enunciador e o enunciatário, este último é o sujeito modalizador que sanciona o enunciado produzido pelo enunciador (Greimas, 1976, p. 93).

O quadrado é de origem puramente linguística, mas, em seu significado e uso geral, o modelo é uma hipótese de uma estrutura cognitiva profunda no cérebro (Tarasti, 2017, p. 40). Como Eero Tarasti (2017, p. 40) destacou, "pode-se presumir que os fenômenos seguem a sua lei e se soubermos o que são S_1 e, digamos, não- S_2 , podemos tentar inferir quais são as partes que faltam". Além disso, no caso de universos e textos semânticos temporais, o quadrado cria uma virtualidade para esperar o que acontecerá a seguir no "dever" de um texto (Tarasti, 2017, p. 40). Por exemplo, "se um compositor primeiro dá ao ouvinte S_2 e não- S_1 , então quando ele dará S_1 e não- S_2 ?" (Tarasti, 2017, p. 40).

Greimas (1976, p. 91-92) se esforçou para justificar a projeção no quadrado das categorias binárias (as contradições entre as duas), também procurou marcar uma diferença de tratamento entre lógica, que é de natureza frásica e funciona apenas mediante substituições, e a Semiótica discursiva, cujos enunciados possuem um significado posicional. É importante destacar que na primeira geração dos termos categoriais bastaria partir da oposição A/não-A (Greimas & Courtés, 1979, p. 364). Cada um dos dois termos desse eixo é suscetível de contrair separadamente uma nova relação de tipo A/¬A (Greimas & Courtés, 1979, p. 364). Mas, com o tempo o modelo foi se tornando mais complexo como pode ser percebido no gráfico elaborado por Jean Petitot (1977, p. 355):



Pode-se interpretar as informações dadas no quadrado como segue, conforme Petitot (1977, p. 355):

S₁/¬S₁ e S₂/¬S₂ - relações de contradições tipo A versus não-A;

S₁/S₂ e ¬S₂/¬S₁ - eixos semânticos de conjunção/disjunção, solidariedade e dupla pressuposição;

S₁- ¬S₂ e S₂ - ¬S₁ - dêixis de relações orientadas de implicação (hiponímia ou hiperonímia);

S_c (sema) - termo complexo (S₁ e S₂);

S_c (sema) - termo neutro (nem S₁ nem S₂).

Para Petitot (1977, p. 355) enquanto estrutura elementar que utiliza um sistema binário, o quadrado semiótico é uma forma lógica essencial no percurso greimasiano. O quadrado semiótico “provou ser um conceito influente não apenas na teoria narrativa, mas na crítica ideológica de Fredric Jamenson, que o usou como "um mapa virtual de fechamento conceitual, ou melhor, do fechamento da própria ideologia" (Felluga, 2011). O modelo é um importante método de trabalho e ferramenta de pesquisa, para ser utilizado em qualquer nível de texto (Tarasti, 2017, p. 40).

Resultados e discussões

A narrativa do rico e do mendigo

As parábolas² contadas por Jesus prendiam a atenção dos ouvintes, mas, ele nem sempre falou por meio de narrativas breves e alegóricas.³ No início suas palavras foram diretas, ensinava de maneira tão clara que os homens se maravilharam com suas palavras. Entretanto, em algum momento, mudou de método, passando a falar por parábolas,⁴ e seus discípulos ficaram assustados (Morrison, 1907, p. 3). Eles temiam que essa mudança irritasse ou alienasse o povo. Sem uma curiosidade inútil, mas, com uma preocupação real, os discípulos perguntaram: “por que falas em parábolas”?

Numerosas teorias foram apresentadas pelos estudiosos a fim de responder à pergunta colocada pelos discípulos (já respondida por Jesus). Uma hipótese defendeu que Jesus falou por parábolas para condenar o endurecimento dos corações de alguns de seus ouvintes. O texto básico usado para fundamentar esse ponto de vista é Mateus 13,15: “porque o coração deste povo está endurecido [...]”. A Teoria do Endurecimento pode em um nível pragmático ser entendida como uma expressão literária da ambivalência em relação à interpretação das parábolas: “claramente, esses textos não eram imediatamente compreensíveis, e para alguns eram completamente inacessíveis” (Zimmermann, 2009, p. 174). Isso levou alguns autores a conjecturarem que “a parábola ocultava a verdade daqueles que tinham um coração endurecido”. Portanto, ao falar por parábolas Jesus ocultava o segredo do Reino de Deus para os de fora, isto é, aqueles que não pertenciam ao grupo dos discípulos (Viljoen, 2019, p. 2).

Porém, Dodd (1974, p. 24) escreveu que a teoria que defendia que Jesus falava por parábolas para que os que não foram predestinados não entendessem o seu ensino “estava relacionada com a doutrina da igreja, aceita com algumas modificações por Paulo, de que o povo judeu a quem Jesus veio estava cego por disposição divina para o significado de sua vinda [...]”. Para esse autor,

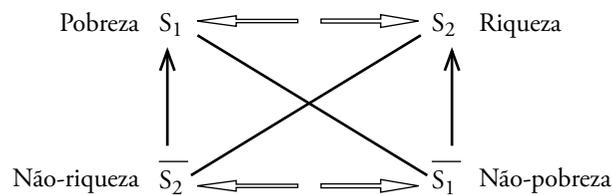
-
- 2 A compreensão da parábola como um gênero literário adquire forma a partir do Novo Testamento (Carvalho, 2022, p. 21). A análise de gênero é uma técnica hermenêutica útil que usa a função literária da passagem como uma forma de compreender e interpretar o texto bíblico (Rolle, 2017, p. 180).
 - 3 Parábolas podiam conter elementos metafóricos, e, assim, conduzir o leitor para uma afirmação que está fora do nível primário de significado, pode apresentar um significado “transferido”: uma transferência semântica de significado pode ocorrer entre dois domínios diferentes de significado (Zimmermann, 2009, p. 172).
 - 4 Uma das características das parábolas é sua narratividade: são narrativas curtas em que pelo menos uma sequência de ação ou mudança de status é relatada, ou imaginada (Zimmermann, 2009, p. 171). Elas também exibem arte no que diz respeito à unidade, coerência, equilíbrio, contraste, recorrência e simetria (Kistemaker, 2005, p. 50). Seus elementos ficcionais, em contraste com os factuais, não podem ser classificados como fábulas ou lendas, mesmo que provavelmente nunca tenha havido um estalajadeiro ou mesmo um “bom samaritano histórico” (Kostenberger & Patterson, 2015, p. 396). Porém, as histórias contadas por Jesus, em muitos casos, se baseavam em atividades comuns da vida diária (Trench, 1906, p. 66).

a igreja usou a parábola do Semeador (Mc 4,1-20) como uma resposta para uma pergunta que surgiu após a morte de Jesus sobre o fracasso dos discípulos em converter o povo judeu: “Deus mesmo cegou os olhos dos judeus para que eles não entendessem nem aceitassem o Evangelho do Reino” (Dodd, 1974, p. 24). Todavia é provável que as palavras de Jesus contidas em Marcos 4,10-12 tenham sido colocadas em um contexto diferente do original: “elas foram dadas em outra ocasião e colocadas na passagem por Marcos descontextualizada (Fricke, 2005, p. 16). Joachim Jeremias (1974, p. 16-22) acreditava que o verso 11 fosse uma inserção de um contexto mais antigo, para esse estudioso, os versos 10 e 11 são desde sua origem um *logion* muito arcaico e mais antigo que Marcos, procedente da tradição Palestina. Nessa perspectiva a interpretação da parábola (versos 13-20) é da igreja primitiva e não de Jesus. Para Fricke (2005, p. 18), Jesus teria dito originalmente em aramaico que as parábolas “eram para aqueles que não entendiam” e não “para que não entendessem”, no entanto, na tradução do aramaico para o grego o sentido original do ensino de Jesus foi perdido. No entanto, é possível que a passagem de Isaías 6, 9-10 estivesse na mente dos autores dos sinóticos quando registraram a parábola do Semeador. O autor de Mateus acreditava que as parábolas foram dadas para serem entendidas, mas, pela falta de fé, algumas pessoas não puderam entendê-las (Fricke, 2005, p. 17). Ele reteve mais da ordem original da citação tomada da Septuaginta (Carvalho, 2022, p. 37), além disso, incluiu um verso adicional tirado de Isaías que indicava um autoendurecimento do coração. De acordo com esse ponto de vista, Deus não estava endurecendo o coração de ninguém: “as parábolas não eram entendidas simplesmente em razão da incredulidade daqueles que as ouviam” (Fricke, 2005, p. 17), e “alguns ouvintes não escutavam as parábolas de Jesus de modo que fossem levados a crer ou a obedecer ao que ouviam” (Fee & Stuart, 2011, p. 181).

É fato inegável que por meio da contação de histórias, Jesus ensinava verdades preciosas aos homens (Mickelsen, 1963, p. 215). O povo ficava abstraído ouvindo suas parábolas, histórias curtas que transmitiam comparações de algumas situações da vida que tinham potencial para influenciar mais facilmente um número significativo de ouvintes. O público acompanhava a narrativa facilmente (Kaiser & Silva, 2009, p. 106; Willis, 1998, p. 1).

Depois dos esclarecimentos já colocados, agora, pode-se passar à análise da parábola do rico e do mendigo, sob a perspectiva semiótica greimasiana. O primeiro passo é determinar as oposições semânticas a partir das quais se construiu o sentido do texto. No caso dessa narrativa lucana, a categoria semântica fundamental é “pobreza *versus* riqueza”, pode-se ilustrar essa oposição por meio do quadrado semiótico⁵:

5 O quadrado semiótico pode representar a organização relacional entre as “condições sociais” ou ainda dizer algo sobre a categoria, “*status* social”, de certas épocas e determinadas sociedades.



Neste exemplo do quadro podem ser percebidas duas contradições, riqueza/não-pobreza e pobreza/não-riqueza. Depois da definição desses termos contraditórios por uma operação de negação, volta-se a uma operação de afirmação. Quando um dos termos contraditórios é mantido em oposição ao contrário do qual foi projetado, o outro contrário é considerado uma pressuposição não-recíproca, por exemplo, a proposição de que um sujeito não é pobre (mendigo) implica em seu potencial riqueza, e a proposição de que um sujeito não é rico implica em seu potencial pobreza. Assim, as relações riqueza/não-pobreza e pobreza/não-riqueza podem ser descritas como relação de complementaridade, e a operação que as constitui pode ser chamada de implicação.

Pôde-se perceber que o quadrado permite "situar ou posicionar" rico e mendigo, pobreza e riqueza: um dos personagens da narrativa lucana é muito pobre, é um mendigo, e o outro é muito rico. Essa oposição se manifesta no texto em expressões (figuras, para usar a linguagem da Semiótica) "desejava alimentar-se com as migalhas" (Lc 16,21) e "vestia-se de púrpura e de linho finíssimo" (Lc 16, 19). Para uma análise mais completa das estruturas narrativas, apresenta-se a seguir o texto completo da parábola do rico e do mendigo em Lc 16, 19-31:⁶

16,19 Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava esplendidamente.

16,20 Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele;

16,21 e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lambê-lhe as úlceras.

16,22 Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado.

16,23 No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio.

16,24 Então, clamando, disse: pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.

16,25 Disse, porém, Abraão: filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos.

16,26 E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós.

6 João Ferreira de Almeida Atualizada disponível em e-Sword: versão 13.0.0.

- 16,27 Então, replicou: pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna,
16,28 porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento.
16,29 Respondeu Abraão: eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos.
16,30 Mas, ele insistiu: não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão.
16,31 Abraão, porém, lhe respondeu: se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos.

Em Semiótica, para construir o sentido do texto, concebe-se o seu plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo, que passa por três níveis: "(1) fundamental: nele surge a significação como uma oposição semântica mínima; (2) narrativo: neste nível a narrativa é organizada do ponto de vista de um sujeito; (3) discurso: nesta etapa a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação" (Barros, 2005, p. 13).

Nível fundamental

Na parábola do rico e do mendigo a oposição semântica mínima é pobreza/riqueza (miséria, luxo). Essa oposição se manifestava no texto em expressões como "desejava alimentar-se das migalhas" e "se vestia de púrpura e de linho finíssimo". Os valores axiológicos podem ser descritos como eufóricos e disfóricos: a riqueza, é positiva, e, a pobreza, negativa. No entanto, estabelece-se, no nível das estruturas fundamentais, um percurso entre esses termos, ou seja, passa-se do sofrimento disfórico, ao gozo, eufórico.

Nível narrativo

Greimas e Courtés (1979, p. 352-353) definiram o programa narrativo (abreviado como PN) como um sintagma elementar da sintaxe narrativa de superfície, constituído de um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado e pode ser representado sob as seguintes formas: $PN = F[S_1 \rightarrow (S_2 \cap O_v)]$ e $PN = F[S_1 \rightarrow (S_2 \cup O_v)]$. Assim:

- F = função
- \rightarrow = transformação
- S_1 = sujeito do fazer
- S_2 = sujeito do estado
- O = objeto (suscetível de receber um investimento semântico sob a forma de v: valor)
- [] = enunciado de fazer
- () = enunciado de estado
- \rightarrow = função fazer (resultante da conversão da transformação)

- $\cap U$ = junção (conjunção ou disjunção) que indica o estado final, a consequência do fazer.
- Obs.: para maior clareza, a função "fazer" é representada pleonasticamente pelos símbolos: F e -> (Greimas & Courtés 1979, p. 353).
- O programa narrativo deve ser interpretado como uma mudança de estado efetuada por um sujeito (S_1) qualquer, que afeta um sujeito (S_2) qualquer (Greimas & Courtés 1979, p. 353). Com as informações acima em mente pode-se agora analisar o programa narrativo da parábola do rico e do mendigo (Lázaro), este, desenrolou-se como segue:
- PN1: um homem rico se vestia com roupas caras e todos os dias fazia uma festa. O sujeito do fazer é o rico; o sujeito de estado é o rico; a transformação é dar festas; o objeto-valor, bens materiais. Assim: F (Dar festas) S_1 (rico) -> S_2 (rico) $\cap O_v$ (riqueza);
- PN2: o mendigo está à porta da casa do homem rico, e le espera receber as migalhas que caíam da mesa desse homem. O sujeito do fazer é o homem rico; a transformação é o ato de alimentar; o sujeito de estado é o mendigo. Assim: F (alimentar) S_1 (rico) -> S_2 (mendigo) $\cap O_v$ (comida);
- PN3: morre o mendigo e é levado pelos anjos. O sujeito do fazer são os anjos; a transformação é levar o mendigo para o seio de Abraão; o sujeito de estado é o mendigo. Assim: F (levar) S_1 (anjos) -> S_2 (Mendigo) $\cap O_v$ (consolo);
- PN4: morre o rico e é sepultado. O sujeito do fazer é a morte; a transformação é o sepultamento; o sujeito de estado é o rico. Assim: F (sepultar) S_1 (morte) -> S_2 (rico) $\cap O_v$ (tormento);
- PN5: o mendigo está no seio de Abraão sendo consolado. O sujeito do fazer é o seio de Abraão; sujeito de estado é o mendigo; transformação mudança de status social. Assim: F (mudança de *status* social) S_1 (seio de Abraão) -> S_2 (mendigo) $\cap O_v$ (bem-aventurança);
- PN6: com a morte o rico perde seu status social, perde toda a sua dignidade e nobreza, passa a precisar do outro para saciar sua sede, tem que implorar por misericórdia. Sujeito do fazer é a morte; sujeito de estado é o rico; transformação perda do status social. Assim: F (perda do *status* social) S_1 (morte) -> S_2 (rico) $\cap O_v$ (tormento);
- PN7: o rico está no Hades, em tormento, e de lá vê o mendigo na bem-aventurança, e pede ao Pai Abraão que o envie para pôr fim a sua sequidão. Sujeito do fazer (Pai Abraão); sujeito de estado (rico); transformação está no Hades. Assim: F (está no Hades) S_1 (Pai Abraão) -> S_2 (rico e o mendigo) $\cap O_v$ (aliviar a sede);
- PN8: o rico pede ao Pai Abraão que envie um mensageiro à casa de seu pai para advertir seus cinco irmãos do lugar terrível no qual está. Ele teme que seus cinco irmãos tenham o mesmo fim que o dele. Sujeito do fazer (Pai Abraão); sujeito de estado (os cinco irmãos); transformação está no lugar terrível. Assim: F (lugar terrível) S_1 (Pai Abraão) -> S_2 (os cinco irmãos) $\cap O_v$ (livramento).

No segundo nível, isto é, o das estruturas narrativas, a parábola do rico e do mendigo é a história de um sujeito (mendigo) que depende de outro sujeito (rico) para sobreviver. No texto, o sujeito Lázaro é um mendigo doente e faminto que está à porta de outro sujeito, o rico, que

se vestia de púrpura e linho fino. O mendigo todos os dias implorava, humilhava-se, assumia-se como um ser abjeto, porque simplesmente precisa do básico para sobreviver. Já o rico vivia todos os dias regalada e esplendidamente. Porém, a narrativa apresenta um desfecho impressionante, na morte, o *status* do mendigo e o do rico é mudado, o mendigo é levado para o seio de Abraão, e o rico, sepultado. Na vida após a morte, tem-se uma inversão de papéis, o rico é atormentado e o mendigo, consolado.

Nível discursivo

A última etapa do percurso gerativo da parábola do rico e do mendigo é o das estruturas discursivas. Nesse nível, as oposições fundamentais assumidas como valores narrativos se desenvolveram sob a forma binária dos seguintes temas:

- a. Miséria/luxo;
- b. Fartura/escassez;
- c. Vida/morte;
- d. Presente/futuro;
- e. Honra/desonra;
- f. Terra/Hades;
- g. Sofrimento/gozo.

No nível discursivo perceber-se um elemento ideológico forte, a saber, uma crítica a avareza. O rico é descrito experimentando uma mudança espacial disfórica: ele passa (por ocasião da sua morte) de um espaço temporal positivo para um espiritual negativo. No Hades, seu *status* social não tem valor algum, lá, ele não é um homem rico, mas um pobre atormentado que precisa beber um pouco d'água para saciar sua sede.

A estrutura discursiva da parábola também pode ser apresentada como segue:

1. **Pobreza:** é a condição social de Lázaro na Terra. Ele enfrenta a pobreza extrema, é mendigo;
2. **Não-pobreza:** na vida após a morte, Lázaro vê seu *status* social mudado, agora, ele não é mais um pobre mendigo, não é mais alguém que depende do outro para suprir suas necessidades básicas;
3. **Riqueza:** essa é a condição do homem da parábola que se vestia de púrpura e linho fino, que era muito rico;
4. **Não/riqueza:** quando morre, o homem rico percebe imediatamente que seu *status* social foi alterado, agora, ele não é mais rico.

Essas descrições sintáticas podem levantar alguns debates, interpretados em termos de "conflitos", sobre diferentes classificações no mesmo quadrado semiótico. Por exemplo, pode-se argumentar que o verdadeiro pobre na parábola era o homem rico, pois este quando morre é levado a experimentar um estado de terrível agonia que jamais poderia ser alterado. Da mesma forma pode-se defender que a verdadeira riqueza não tem a ver com o *status* social terreno, que deixa de existir com a morte, mas, com a experiência infinita de gozo, na vida após a morte, o que aconteceu com o mendigo Lázaro. Aqui é importante lembrar que mudanças de perspectivas podem ser representadas como movimentos sintáticos no quadrado, desde que se aplique o *status* verídico apropriado (Hébert, 2011, p. 48).

Conclusão

Ao final desta pesquisa chegou-se a algumas conclusões. A primeira, a análise da parábola do rico e do mendigo, sob a perspectiva semiótica, indicou que a significação ocorre por meio de relações engendradas na sequência dos fatos narrados. A segunda, há uma série de Programas Narrativos pressupostos (PNs) que contribui para o desvelar do sentido do texto. A terceira, a narrativa tem início no ponto que interessa ao enunciador, isto é, quando o estado de dois dos sujeitos semióticos é de riqueza (rico) e pobreza (mendigo). A quarta, o quadrado semiótico pôde representar a organização relacional entre as "condições sociais" dos sujeitos da narrativa. A quinta, há no nível das estruturas discursivas, um forte elemento ideológico, qual seja, uma crítica a avareza: o enunciador quer levar o enunciatário a aceitar os valores éticos, morais e espirituais nos quais ele acredita. Já no nível teológico, isto é, no plano redacional do autor de Lucas, a parábola do rico e do mendigo pode ter sido registrada para desafiar os crentes a se envolverem no cuidado dos pobres e oprimidos (Carvalho, 2020, p. 347).

Por último, deve-se registrar que esta pesquisa procurou mostrar, ainda que com certa concisão, que a Semiótica greimasiana pode ser uma ferramenta de grande valia para os intérpretes bíblicos, principalmente para aqueles que estudam o gênero literário parábola que, ao contrário do que alguns pensam, não é tão simples de interpretar. Na verdade, parábolas "são duras castanhas hermenêuticas" (Huelin, 2006, p. 88). Espera-se que novas pesquisas superem as limitações, que porventura possam ser percebidas neste trabalho. O assunto abordado é útil, interessante, mas, muito complexo para ser esgotado em uma única pesquisa. Infelizmente no Brasil e mesmo na América Latina, no campo dos estudos bíblico-teológicos, há poucos artigos publicados sobre a aplicação da semiótica greimasiana na análise das parábolas bíblicas; espera-se que esta pesquisa possa contribuir para alterar esse cenário.

Referências

- Badir, S. (2012). How the semiotic square came. In J.-Y. Beziau & G. Payette (Eds.), *The square of opposition: a general framework for cognition* (pp. 427-439). Bern: Peter Lang. Recuperado de <https://orbi.uliege.be/handle/2268/170295>
- Barros, D. L. P. (2005). *Teoria semiótica do Texto*. São Paulo: Editora Ática.
- Bíblia: João Ferreira de Almeida Atualizada. Disponível no programa e-Sword, versão 13.0.0.
- Brasil, L. L. (2011). Michel Pêcheux e a teoria de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem - Estudos e Pesquisas*, 15 (1):171-182. doi: [10.5216/lep.v15i1.25149](https://doi.org/10.5216/lep.v15i1.25149)
- Carvalho, A. S. (2019). *A interpretação nas teorias linguísticas e literárias*. São Paulo: Editora Reflexão.
- Carvalho, A. S. (2020). O homem rico e Lázaro: uma leitura sob a perspectiva do contexto econômico e dos paralelos pagãos. *Pesquisas em Teologia: PqTeo*, Rio de Janeiro, 3 (6):331-350. doi: [10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2020v3n6p331](https://doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2020v3n6p331)
- Carvalho, A. S. (2022). A noção de intencionalidade em Hirsch e o conceito de sentido em Pêcheux: dois horizontes na interpretação e novas possibilidades de leitura do texto bíblico. *ReBiblica*, Rio de Janeiro, 3 (6); 325-343. doi: [10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2022v3n6p325](https://doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2022v3n6p325)
- Carvalho, A. S. (2022). *Parábola bíblicas: o básico para ler e entender*. São Paulo: Editora Reflexão.
- Cortina, A. (2017). Percurso da semiótica por meio das obras de Greimas. *Estudos semióticos*. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/141605/136613>
- Dodd, C. H. (1974). *Las parábolas del reino*. Madrid: Ediciones Cristiandad.
- Fee, G., Stuart, D. (2011). *Entendes o que Lês*. São Paulo: Vida Nova.
- Felluga, D. (2011). *Introductory guide to critical theory*. Modules on Greimas II: on the semiotic square. Purdue University. Recuperado de <http://www.purdue.edu/guidetotheory/narratology/modules/greimassquare.html>
- Fidalgo, A., & Gradim, A. (2005). *Manual de semiótica*. Portugal: UBI. Recuperado de <https://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-manual-semiotica-2005.pdf>
- Fiorin, J. L. (2000). *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.
- Floch, Jean-Marie. (2014). A contribuição da semiótica estrutural para o design de um hipermercado. *Galáxia*, São Paulo, 14 (27): 21-47. doi: [10.1590/1982-25542014119610](https://doi.org/10.1590/1982-25542014119610)
- Fricke, R. (2005). *Las parábolas Jesús: una aplicación para hoy*. El Paso: Editorial Mundo Hispano.
- Greimas, A. J. (1976). Pour une théorie des modalités. *Langages*, Paris, (43): 90-107. doi: <https://doi.org/10.3406/lgge.1976.2322>
- Greimas, A. J. (1987). *On meaning selected writings in semiotic theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Greimas, A. J., & Courtés, J. (1979). *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Editora Cultrix.

- Grigorjevas, A., Gramigna, R., & Salupere, S. (2017). A. J. Greimas: the perfection of imperfection. *Sign Systems Studies*, 45 (1/2): 7 doi: <https://doi.org/10.12697/SSS.2017.45.1-2.01>
- Hébert, L. (2006). Figurative, thematic and axiological analysis. *Signo*. Recuperado de <http://www.signosemio.com/greimas/figurative-thematic-axiological-analysis.asp>
- Hébert, L. (2011). *Tools for text and image analysis: an introduction to applied semiotics*. Recuperado de <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=8efb82b11a799ff9481354036b5b5ab3140632213>
- Huelin, S. (2006). Interpreting the parables' recent interpreters. In R. B. Kruschwitz, (ed.). *Christian Reflection (Parables)* (p. 88-93) Waco: The Center for Christian Ethics.
- Jeremias, J. (1974). *Las parábolas de Jesús*. Estella: Editorial Verbo Divino.
- Kaiser, W., & Silva, M. (2009). *Introdução à hermenêutica bíblica*. São Paulo: Editora Cultura Cristã.
- Kistemaker, S. J. (2005). Jesus as story teller: literary perspectives on the parables. *The Master's Seminary Journal*, 16 (1): 49-55. Recuperado de <https://tms.edu/wp-content/uploads/2021/09/tmsj16b.pdf>
- Kostenberger, A., & Patterson, R. (2015). *Convite à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova.
- Maingueneau, D. (2004). *Análise de texto de comunicação*. São Paulo: Editora Cortez.
- Mickelsen, A. B. (1963). *Interpreting the bible*. Michigan: Eerdmans Publishing Company.
- Morrison, G. H. (1907). *Teaching by parables (Matt.xiii.13)*. The Parables of Jesus. Cincinnati: Jennings and Graham; New York: Eaton and Mains.
- Petitot, J. (1977). Topologie du carré sémiotique. *Études Littéraires*, 347-426. doi: <https://doi.org/10.7202/500445ar>
- Prior, P. (2014). *Semiotics*. In C. Leung & B. Street (Eds.). *The Routledge Companion to English Studies* (p. 160-173). London: Routledge. Recuperado de <https://www.academia.edu/36956406/Semiotics>
- Rolle, S. (2017). A genre analysis of the parable of the pounds as it relates to Kelly's followership types. *Journal Perspectives in Leadership*, 7, 1: 179-194. Recuperado de https://www.academia.edu/83510870/A_Genre_Analysis_of_the_Parable_of_the_Pounds_as_It_Relates_to_Kelley
- Santaella, L. (2017). *Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação*. São Paulo: Paulus.
- Santos, M. D. F. (2013). *O percurso gerativo de sentido e a interpretação do texto bíblico*. (Dissertação de Mestrado em Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo). Recuperado de <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25611>
- Silva, M. A. S. M. (2005). Sobre a análise do discurso. *Revista de Psicologia da UNESP*. Recuperado de <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/27/29>
- Silva, F. M. (2009). Modalização: teoria e aplicação. *Revista ProLíngua*, p.48-56. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/13431/7627>
- Taille, E. H. (2018). Por que Greimas? *Estudos Semióticos*, p.12-21. doi: [10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.144305](https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.144305)